

## A escola francesa de análise de discurso: Michel Pêcheux e as eleições presidenciais<sup>1</sup>

The french school of discourse analysis: Michel Pechêux and the presidential elections

La escuela francesa de análisis del discurso: Michel Pechêux y las elecciones presidenciales

**André Felipe Rosa<sup>2</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0003-2319-113X>

 <http://lattes.cnpq.br/3361155786236088>

Universidade Católica de Brasília, UCB, DF, Brasil

E-mail: [andrecpol@gmail.com](mailto:andrecpol@gmail.com)

### Resumo

Este artigo tem por objetivo explorar a Escola Francesa de Análise de Discurso, com o objetivo de compreender as estruturas do discurso político, bem como identificar as matrizes ideológicas que são trazidas pelo inconsciente dos eleitores, que os induzem a se identificar com determinados candidatos a cargos públicos. A Escola Francesa é a mais tradicional e, Michel Pechêux, um pioneiro na transformação dos estudos linguísticos que, anteriormente, visavam apenas aspectos pragmáticos e pouco ideológicos, o que deixava uma lacuna de entendimento e assertividade.

**Palavras-chave:** Escola Francesa. Análise de Discurso. Discurso Político. Eleições.

### Abstract

*This article aims to explore the French School of Discourse Analysis, with the aim of understanding the structures of political discourse, as well as identifying the ideological matrices that are brought by the unconscious of voters, which induce them to identify with certain candidates for office. public. The French School is the most traditional and, Michel Pechêux, a pioneer in the transformation of linguistic studies that, previously, aimed only at pragmatic and little ideological aspects, which left a gap in understanding and assertiveness.*

**Keywords:** French School. Discourse Analysis. Political speech. Elections.

### Resumen

*Este artículo tiene como objetivo explorar la Escuela Francesa de Análisis del Discurso, con el objetivo de comprender las estructuras del discurso político, así como*

<sup>1</sup> A revisão linguística foi realizada por André Felipe Rosa.

<sup>2</sup> Bacharel em Ciência Política pela Universidade de Brasília, Mestre em Psicologia (Linha de pesquisa em psicologia política (eleições), participou de Núcleos de Pesquisa Pibic como bolsista nos seguintes temas: Relações clientelistas baseado no voto e Laboratório de Comportamento Político e Políticas Públicas - LAPCIPP da Universidade de Brasília, tendo pesquisado sobre estudos raciais e cotas nas Universidades Federais. Linha de trabalho acadêmico: Pesquisa qualitativa, análise de discurso. Domínio do software de pesquisa qualitativa: Iramuteq. IRaMuTeQ é um software livre ligado ao pacote estatístico R para análises de conteúdo, lexicometria e análise do discurso. Foi desenvolvido pelo Laboratoire d'Études et de Recherches Appliquées en Sciences Sociales da Universidade de Toulouse. Principais linhas de pesquisa: Comportamento político, análise de discurso, análise política, processo legislativo.

*identificar las matrices ideológicas que trae el inconsciente de los votantes, que los inducen a identificarse con ciertos candidatos a cargos públicos. público. La Escuela Francesa es la más tradicional y, Michel Pêcheux, pionera en la transformación de los estudios lingüísticos que, antes, apuntaban sólo a aspectos pragmáticos y poco ideológicos, que dejaban un vacío en la comprensión y asertividad.*

**Palabras clave:** Escuela francesa. Análisis del discurso. Discurso político. Elecciones.

### **Introdução**

Este artigo busca explorar a Escola Francesa de Análise de Discurso para compreender os discursos políticos e como eles podem afetar os eleitores, a sua identificação com determinada fala e como essa fala reflete o contexto sócio-histórico do sujeito.

A Escola Francesa, tem como seu fundador o pioneiro Michel Pêcheux, que, acreditava que todo o discurso é carregado de ideologia. Portanto, este teórico busca identificar as estruturas discursivas do sujeito, tendo como base, aspectos ideológicos e fazendo um mapeamento do contexto sócio-histórico do sujeito.

Pêcheux utiliza como base a teoria marxista, tendo como principal obra a “Ideologia Alemã”, de Karl Marx. Outro teórico que é bastante utilizado como sustentação é o francês, Michel Foucault, tendo como principal obra, a “Arqueologia da Gênese”.

Althusser é também bastante difundido nas obras de Pêcheux, no que se refere aos estudos sobre ideologia. Althusser é um neomarxista, que também contribui para os estudos sobre a ideologia do sujeito.

A ideologia, para Marx, não é de todo positiva, uma vez que, segundo a ideologia alemã, causa alienação no sujeito. Esta alienação gera resistência, onde o indivíduo, buscando romper a alienação sofrida ao longo da sua existência, busca modificar-se, gerando lapsos formais na linguagem. Quem dará suporte a essa parte é o psicanalista Jacques Lacan, com estudos voltados ao inconsciente e a fala.

Para Lacan, todo discurso é um discurso perfeito, portanto, os lapsos no momento da fala são encarados como uma tentativa de romper com a alienação e modo de ver o mundo gerado ao longo da história do sujeito.

Este artigo irá interagir com Karl Marx, Jacques Lacan, Michel Pêcheux, Michel Foucault e com a Escola Brasileira de Análise de Discurso. Portanto, é um artigo com vistas a difundir esta teoria que aborda psicanálise, sociologia e linguística.

### **A Escola Francesa de Análise de Discurso: Michel Pêcheux e as Eleições Presidenciais**

#### **IDEOLOGIA – BASE FUNDAMENTAL DA ANÁLISE DO DISCURSO**

O estudo inicial da ideologia constitui requisito fundamental para compreender os procedimentos de aplicação das mais diversas correntes teóricas sobre Análise do Discurso. Pêcheux (1989) considera a ideologia como um campo que proporcionará ao analista identificar os significados e os sentidos que são estudados em uma pesquisa sobre o discurso. As principais escolas no mundo irão recorrer aos aspectos

ideológicos transmitidos na fala do sujeito enquanto ser social, com vistas a analisar as estruturas discursivas. Entre as diversas correntes do pensamento, irei me ater as mais tradicionais, portanto, destaco a pioneira e tradicional Escola Francesa, representadas por seu fundador, Michel Pêcheux, e de seu principal influenciador, Michel Foucault, autor da obra “A arqueologia do saber”.

Também inspirada nos trabalhos de Pêcheux e seus pesquisadores, a Escola Russa, do seu expoente Bakhtin, também foi uma das pioneiras que não pouparam esforços para a difundir a teoria da Análise do Discurso pelo mundo.

A academia local conta atualmente com as personalidades de Eni Pucinelli Orlandi, Universidade de São Paulo (USP) e Sérgio Freire Souza, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), ambos pioneiros e difusores da Análise do Discurso no Brasil, e ambos vão procurar verificar as formações ideológicas empregadas na fala do sujeito pesquisado.

Desta maneira, começamos com o principal influenciador de Michel Pêcheux no campo da ideologia. O teórico buscou em Louis Althusser, em seu artigo intitulado “Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado” os estudos até então necessários para compreender a ideologia e os aparelhos ideológicos. Para Althusser aparelhos ideológicos e Aparelhos de Estado não se aproximam. Para Althusser os Aparelhos de Estado são constituídos por ministérios, secretarias de governos, autarquias, as Forças Armadas, e outros órgãos de apoio ao governo. (Althusser, 1974).

Os aparelhos de Estado teriam o poder de repressão e punição para garantir a ordem vigente por meio do uso da coerção, da violência e da prisão. Mas, voltando ao conceito de aparelho ideológico para Althusser, que será de grande contribuição para a obra de Pêcheux. Althusser denomina aparelhos ideológicos de Estado a uma determinada quantidade de realidades que se ilustram ao observador sobre o enfoque de instituições especializadas e distintas, a exemplo as diferentes correntes religiosas, como católicos, protestantes; as escolas as militares, adventistas ou centros educacionais católicos, a exemplo da Universidade Católica de Brasília, entre outras.

Portanto, não se deve confundir aparelhos de estado, que na visão de Althusser e de Marx funcionam como repressivos e, apenas de forma secundária, como ideológica. Entretanto, Althusser destaca a inexistência de aparelhos que sejam unicamente repressivos, tal como o militarismo, que apesar da repressão na Ditadura Militar Brasileira, também possui a sua ideologia e os seus valores enquanto Forças Armadas.

Althusser (1974) salienta que os aparelhos ideológicos de Estado predominam o seu funcionamento de forma acentuada pela ideologia; entretanto, podem utilizar da repressão. Althusser acrescenta que não há a possibilidade histórica de existir um aparelho puramente ideológico. As instituições, que fazem parte dos aparelhos ideológicos, a exemplo, as escolas, que punem os estudantes que cometem violência com outros estudantes, ou que reprovam os alunos que não alcançam a nota suficiente para passar de ano na escola. Outro exemplo são as igrejas católicas, que punem os padres acusados de pedofilia, ou pastores expulsos por desviar o dinheiro do dizimo para benefício próprio. Também destaco a instituição família, que pune com a separação o marido ou esposa que comete o adultério.

Os aparelhos ideológicos de estado funcionam pela sua ideologia e utilizam da repressão quando as pessoas não se adequam. Tal força que impulsiona pode ser

chamada de ideologia dominante. A ideologia dominante irá formatar uma forma de conduta para conter a diversidade de ideias que possam fazer coro contrário a tal ideologia dominante. Como a igreja, a ideologia dominante não irá aceitar o casamento homoafetivo, essa ideologia dominante irá unificar o discurso em volta desta narrativa de que o casamento é uma celebração entre pessoas de sexos distintos. A ideologia dominante, portanto, poderá harmonizar a relação entre aparelho repressivo de Estado e Aparelho Ideológico de Estado.

Althusser (1974) conceitua a ideologia a partir dos estudos de Cabanis, Destutt, Tracy e colegas como a “teoria genética das ideias”. Marx, por outro lado, retoma a ideia de ideologia como perigosa, como algo que possa cegar as pessoas, dominando grupos e pessoas. Algo que vai vir a ser melhor explorado no manuscrito “A Ideologia Alemã”. Por outro lado, Althusser lista algumas críticas em que Marx faz nesse manuscrito, taxando a ideologia como algo meramente inócuo e insignificante, ou como um sonho que não será realidade. Também salienta que na ideologia não há história, uma vez que essa história poderia ter sido distorcida a proveito da classe dominante. Apesar das críticas de Marx a despeito da ideologia, Althusser, onde Pêcheux irá se debruçar para formar a sua teoria de Análise do Discurso, acredita que é factível pontuar que as ideologias de forma ampla possuem uma própria história. Pêcheux também irá mostrar que o sujeito é mutável frente a essas ideologias, que em algum momento o homem ou a mulher poderá se rebelar, modificando a forma de pensamento.

Terry Eagleton (1997) no artigo “Discurso e Ideologia” discorre que a ideologia é uma maneira estratégica de classificação em uma categoria específica, a uma série de coisas distintas que são feitas com os signos. A essa categoria específica de ideias que Pêcheux irá se debruçar nas estruturas da linguagem. Eagleton acredita que Pêcheux foi fundamental para obras de Análise do Discurso, que partiu da examinação das estruturas lexicais e sintáticas visando examinar a inscrição do poder social no discurso. Materialismo, psicanálise e linguística ao envolver em torno do materialismo se aprofundam na própria construção da linguagem no sujeito.

Karl Marx e Friedrich Engels (1998) no livro intitulado “A Ideologia Alemã” destaca que a ideologia seria conceituada como o estudo da origem e da formação das ideias. Marx e Engels atribuíam a ideologia um acoplado de ilusões que levavam os sujeitos a visualizarem as suas próprias realidades de maneira amplamente errônea. A ideia, para esses pensadores seria o próprio sujeito e os seus predicados estariam postos frente a suas objetivações e as questões históricas que estão em torno da realidade social.

### **ESCOLA FRANCESA – O PIONEIRO MICHEL PÊCHEUX**

Pêcheux (1989) forma a sua base de análise do discurso através de tudo o que é enunciado em uma frase pelo sujeito e também com as palavras que não foram ditas pelo emissor. Captar aquilo que não foi escolhido para ser enunciado pelo sujeito no momento da fala é um campo a ser explorado, visando identificar quais são os sentidos do sujeito em determinada frase. Quais os porquês de determinado termo não ter adentrado na frase formulada.

O teórico francês Michel Pêcheux (1989) em seu artigo intitulado “Delimitações, Inversões, Deslocamentos”, aponta que a existência do invisível e a sua decorrente

ausência em uma determinada frase está de forma estruturada nas formas de negação, das diferentes formas em que o sujeito expressa os seus desejos e interesses. A maneira pela qual o sujeito delimita uma frase ou mesmo tenta disfarçar alguma palavra que o possa ser classificado como racista, a título de exemplo, é uma lacuna que precisa ser explorada no momento da análise. Por exemplo, a frase “eu tenho um amigo negro”.

A frase pode indicar outro sentido, como se fosse algo fora do comum ter um amigo negro. Tal frase poderia indicar alguma forma de racismo ou discriminação. A eficácia real das formas abstratas que estão intrínsecas ao exercício da língua é caracterizada pelas camuflagens discursivas, pelos deslocamentos e disfarces em um determinado contexto. A relação com o invisível é fundamental para a análise do discurso.

Pêcheux acredita que todo discurso é repleto de história e acontecimentos que envolvem a vida do sujeito. A ideologia para o teórico francês é a base de toda enunciação de palavras e frases. As formações de ideologias no qual o sujeito transita reflete o seu passado sócio-histórico. Entretanto, Pêcheux acredita que as formações de ideologias se renovam e se reciclam ao longo do ciclo da vida, o que reverbera em novas formas de enunciações discursivas. Para esta escola do pensamento as formas discursivas são combinadas com propriedades de cunho regionalistas a respeito de temas como política, cultura, economia, etc. A esta forma repleta de ideologia no campo da linguagem é que surgem os sentidos para o sujeito. As bases dos sentidos estão enraizadas na ideologia, na forma pela qual os sujeitos se utilizam e se aproveitam dos objetos ideológicos, que podem ser a forma de enxergar a liberdade, igualdade ou justiça. (Pêcheux, 1989)

Pêcheux acredita em dois tipos de caráter em processos ideológicos, que seria o caráter de classe e o caráter regional, que são aspectos relevantes para construir as formações de cunho ideológico e discursivo que induzem a enunciação do discurso do sujeito acerca dos objetos: como liberdade, justiça, política ou economia. As práticas ideológicas em um determinado campo podem ser compreendidas como rituais nos quais as práticas são delimitadas em diversos campos, como as formas de se portar diante de um culto religioso, um velório, etc. (Pêcheux, 1989)

Pêcheux ao escrever sobre a análise discursiva ele ilustra que todos os rituais, que são repletos de regras e ordenamentos podem ser quebrados, bem como a forma do sujeito enxergar o mundo em que habita, a forma pela qual o sujeito pensa o mundo a partir das suas convicções ideológicas, tudo isso pode ser reciclado quando acontece a contingência, ou a resistência. Resistência ao que é aceito como verdade pelo sujeito pode ser modificada pela resistência que irá ocorrer nos momentos de lapsos ou atos falhos quando um sujeito enuncia aquilo que não seria adequado para o momento e para o grupo.

Para Pêcheux, esses lapsos ocorrem no âmbito do inconsciente do sujeito, que pulsa dentro de si a resistência as práticas que não são mais aceitas pelo sujeito no campo social. Nesse momento, o que seria uma desordem linguística, torna-se, no campo da análise do discurso de Michel Pêcheux como um discurso perfeito, o que também será citado por Lacan, que “todo lapso é um discurso perfeito”.

O sujeito pode pensar que o lapso ou ato falho no discurso seja um problema, quando na verdade, o lapso representa um desejo de rompimento com regras que já

não fazem mais sentido. Os sentidos são os principais aspectos analíticos desta escola, ou seja, identificar tais lapsos e atos falhos no momento da constituição da enunciação abrem lacunas para interpretações mais profundas no âmbito da análise do discurso no campo da psicologia. O sujeito é um ser mutável, ele não é determinístico, ele flutua no campo das formações ideológicas, que serão melhor exemplificadas conforme for avançando no referencial teórico. (Pêcheux, 1989)

Michel Pêcheux conceitua resistências como o não entendimento ou o entendimento errôneo, a não obedecer às ordens que lhe são impostas, a se manifestar oralmente no momento em que o silencia se faz essencial; alterar o sentido das coisas que estão em debate; utilizar os enunciados conforme o pé da letra de forma a alterar o sentido ou de distorcer os sentidos da frase enunciada - desestruturação lexical das palavras de forma deliberada.

Desta maneira, a resistência que se inicia no inconsciente e que se apresenta em forma de lapsos ou atos falhos na comunicação impulsiona o sujeito a se distanciar da reprodução do seu discurso dominante, transformando os sentidos do sujeito. Por meio das rupturas dos rituais, dos rompimentos de barreiras das ordens sociais, do protesto, através de um lapso ou ato falho é interrompido o laço de reprodução do discurso. Muito provavelmente nesse momento o discurso se transformou face as resistências as regras da ideologia dominante.

Foucault (1970) discorre sobre essa ruptura de rituais, do rompimento da reprodução de discursos dominantes. Foucault cita a Grécia antiga pelo qual o discurso considerado verdadeiro era repleto de respeito e também de terror, onde os sujeitos precisavam se submeter porque era um discurso enunciado por pessoas de autoridade e de poder. Mais adiante, Foucault aponta que as verdades consideradas mais elevadas não estavam mais entrelaçadas pura e simplesmente ao discurso, mas residia sobretudo no sentido das coisas.

Foucault nesse ponto é uma base de apoio na literatura de Michel Pêcheux no que se refere a ruptura dos atos ritualizados pelo sujeito no que tange a sua enunciação no discurso pura e simplesmente para o sentido das palavras que estão sendo ditas – ou seja, algo que vai muito além de uma frase formulada. Foucault discorre que as grandes revoluções científicas não devem ser apenas apontadas como fruto de novas descobertas, mas como novas maneiras de pensar algo como verdade, que foram surgindo a partir das rupturas dos rituais do sujeito, ou seja, novas maneiras de verdade e também de vontade.

As questões envolvendo morfologia, sintaxe e semântica estão atreladas nas análises, não deixando a revelia de análises reducionistas ao ponto de utilizar apenas da interpretação. A análise textual e a análise formal serão utilizadas na maneira pelas quais o pesquisador irá buscar os sentidos do discurso. Morfologia, sintaxe e a semântica irão proporcionar a verificação dos componentes enunciativos no momento do discurso.

É importante destacar que a análise do discurso não será apenas apontada como duas bases de sustentação sujeito e social. O grande ponto chave dessa teoria são os deslocamentos que o sujeito faz no campo social que irão ressignificar o seu pensamento social frente aos desdobramentos sociais, e, por fim, os seus sentidos por meio da resistência. A palavra resistência será muito associada ao longo da

pesquisa pois é vetor do impulsionamento do sujeito para se contradizer frente as ideologias dominantes.

### **ESCOLA BRASILEIRA DE ANÁLISE DO DISCURSO**

Machado (1998) afirma que a análise do discurso teve a sua origem no final de 1960 através das pesquisas científicas de Michel Pêcheux e da sua equipe de pesquisadores, na França. Inicialmente esta teoria da escola francesa tinha como ponto de partida influência do materialismo histórico de Karl Marx, da psicanálise e também da linguística. Logo, percebe-se que Pêcheux desde o início não atribui o simples formalismo da linguagem verbal, mas todo um constructo que está envolto ao sujeito em sociedade.

Machado chama de corpus, objeto de estudo que será os enunciados presentes no discurso, um material que será formado por documentos de cunho político e que também serão tidos como históricos, uma vez que o discurso será analisado conforme o avanço histórico. Dessa forma, o discurso de Bolsonaro nas eleições de 2018 compreenderá o período de 1 ano antes das eleições, período que anterior aos programas eleitorais. O pesquisador que estiver analisando um corpus<sup>2</sup> deve ater-se a todo o material que remeta ao objeto na sociedade que está sendo analisado. Portanto, deve ser utilizado vídeos, documentos e outros materiais que irão proporcionar insumos para a construção da análise do discurso. Esses materiais proporcionarão que o pesquisador verifique as ideologias em torno do discurso. Uma análise propriamente neutra do discurso não se encaixa, devendo o pesquisador se enveredar pelas formações ideológicas do sujeito que realiza o discurso. O pensamento de uma sociedade inexistente de qualquer tipo de ideologia é ineficaz para a análise do discurso.

Brandão (1993) argumenta que é possível conceituar a formação ideológica através dos estudos marxistas, constituindo-a como um arcabouço complexo que acopla atitudes e representações ao sujeito em relação ao posicionamento da classe social que o indivíduo está inserido. Desta maneira, são inúmeras as formações discursivas que serão produzidas pelo viés ideológico do sujeito ou corpus pesquisado. Para a análise do discurso em seu início, constitui objeto de estudo o sujeito que estiver assujeitado a uma determinada ordem ou narrativa política. Estudar os discursos do presidente Bolsonaro apenas pela sua individualidade excluindo a sua narrativa ideológica é invalidar a análise.

A sintaxe será uma aliada na análise do discurso, uma vez que a partir dela será possível posicionar as palavras, frases ou expressões que irão proporcionar insumos para delimitar um discurso que será advindo de uma ideologia. Em um discurso onde apareçam palavras como ideologia de gênero, posicionamentos contrários ao aborto, menos Estado na economia e contrário ao casamento homoafetivo provavelmente estará adotando um discurso assujeitado a ideologia política conservadora. Esse é o ponto chave de Pêcheux e dos seus contemporâneos.

Machado (1998) salienta que o sujeito é um sujeito coletivo, e que não é possível estudar e pesquisar única e simplesmente do ponto de vista de suas particularidades, uma vez que este indivíduo habita em um determinado espaço geográfico, repleto de valores, regramentos, ordenamentos e tudo o que regule o contrato social de determinada Nação.

De uma forma mais real em relação a vida em sociedade, a análise discursiva estará atrelada também a uma ação ou objetivo visado: como obter votos em uma eleição presidencial, como convencer as instituições que o armamento da população pode vir a ser uma estratégia visando a mitigação da criminalidade ou que o aborto é um ato condenado no meio religioso e que não deve ser objeto de discussão no campo da política. Todo discurso levará a uma ação ou a uma intenção. Toda essa ação poderá ser objeto da análise e o sentido das palavras enunciadas denunciará um viés ideológico. Mas nem sempre os sentidos estarão presentes nas palavras que são ditas, mas tão importante quanto, nas palavras implícitas, nas palavras que não foram ditas visando uma estratégia do emissor.

Souza (2014) em seus estudos sobre a análise do discurso observa que a análise discursiva produzida no Brasil pelos seus pioneiros, como Orlandi e Freire, utilizam da continuidade da base de análise francesa, uma das mais tradicionais no que se refere aos estudos da língua. Uma das bases dessa teoria francesa que se espalha pelo Brasil é do francês Michel Pêcheux, que inaugura na França uma metodologia de analítica com bases na ideologia, no sujeito, na língua e também na psicanálise.

Desta forma, o Brasil surge como um campo que vem a explorar a partir de inspirações na literatura francesa, estabelecer um método de acordo com as peculiaridades da cultura brasileira, o que suprimia o Brasil de ser um mero aplicador do método teórico europeu. O Brasil tem como base epistemológica os fundamentos de Pêcheux, mas utiliza da alteridade para melhor aplicação de um modelo mais próximo da realidade local.

A análise do discurso no Brasil tenta entrecruzar bases como o estruturalismo e, de forma mais tangencial, o marxismo e a psicanálise, nos conceitos de ideologia e sujeito. A análise do discurso no Brasil tem como fundamentos uma maior flexibilidade interdisciplinar, e é desta forma que o estruturalismo ganha escopo dentro de uma análise textual. O estruturalismo teria o seu papel na AD por aprofundar nas bases mais estruturais da produção do discurso, ou seja, serão considerados aspectos como a as formações ideológicas, o sujeito em análise e as formações discursivas. No Brasil, tal como na França, o marxismo se aproxima no sentido de contemplar questões de viés político enquanto constituição do sujeito.

Dias (2013) acrescenta que os estudos da Análise do Discurso são oriundos de estudos interdisciplinares, que não foi possível criar um método puro que simplesmente abarcasse todas as estruturas necessárias para uma análise com profundidade. A autora complementa dizendo que houve uma certa resistência em relação a uma forma sócio-histórica de analisar os discursos no âmbito da academia, mas que atualmente a AD tem sido adotada de forma positiva na psicologia e nas áreas de comunicação e letras, por exemplo.

A essa nova forma de pensar o discurso a partir de uma base sócio-histórica acarretou em uma ruptura frente ao positivismo que imperava nas análises linguísticas, o discurso passou a ser estudado como bases sociais que se modificavam ao longo do seu percurso. A essa forma de análise projetou a heterogeneidade deste campo do conhecimento. As ciências sociais, portanto, tiveram um papel preponderante nos estudos da linguagem, uma vez que as bases constitutivas de uma análise discursiva, desde o pioneiro Michel Pêcheux nos anos

de 1960 e 1970, já incrementava suas pesquisas utilizando a psicanálise, a ideologia e os contextos históricos.

A psicanálise utilizada seria que todo sujeito é um sujeito do inconsciente, e que toda a sua oratória sofre pulsações de resistência, que podem mudar a maneira como o sujeito encara o mundo e a forma pela qual os sujeitos dão sentido as coisas e aos fatos. Ou seja, a análise do discurso sofreu nessa época uma grande reviravolta do positivismo para uma ciência que pudesse abarcar diversas áreas do conhecimento. Não obstante, a própria psicologia e a ciência política não possuem uma metodologia pura e simplesmente, são áreas que conversam com diversas outras, tais como a economia, a sociologia, a antropologia e a filosofia.

### **O INTERESSE PELOS DISCURSOS POLÍTICOS**

Dias (2013) salienta que o interesse pela análise dos discursos políticos surgiu em um momento em que se vislumbrava uma ruptura para compreensão de forma mais ampla dos fenômenos que permeavam o campo político. Se vislumbrava a necessidade de dar maior amplitude, abrindo mais as estruturas que estão por trás da fala. Se compreende que a partir dos estudos de Pêcheux, nos anos de 1960 e 1970, se abriu uma maior engenharia estrutural em torno da fala política.

Logo, percebe-se que a fala política está intrinsecamente ligada aos contextos históricos, sociais, as rupturas a antigas formas de enxergar o mundo e, também, pelas revoluções que aconteceram ao longo da história, objetos frutos de rupturas de pensamento e de revolta as ordens que estavam postas. A essa rebeldia que Pêcheux vai chamar de resistência, algo que será essencial para a compreensão no Brasil e no mundo após os anos 70. Rupturas ideológicas que acontecem no inconsciente do sujeito a partir das resistências.

Tais resistências a ordens impostas ou regimes políticos vigentes faz com que as pulsações em torno do inconsciente saiam para fora através de palavras consideradas equivocadas, ou atos falhos. Tais atos falhos na realidade irão constituir uma nova forma de pensar o mundo, é a circulação no ciclo das formações ideológicas.

Souza (2014) afirma que, tal como os estudos interdisciplinares das ciências sociais e das várias correntes teóricas da psicologia, a Análise do Discurso é amplamente defendida como uma área do conhecimento linguístico que não deve ser diminuída por não possuir um método próprio, mas deve ser enriquecida uma vez que não existe apenas uma corrente de análise do discurso, havendo outras escolas desse pensamento.

Entretanto, apesar das diversas correntes da Análise do Discurso, em vários segmentos encontrarão pontos em comum, que são as estruturas da linguagem, ou seja, tanto a escola francesa, a russa ou a brasileira terão tais pontos em comum. Pêcheux, Bakhtin, Foucault, Sérgio Freire ou Orlandi, terão como base essa interdisciplinaridade e ambas se aproximam. O olhar discursivo nos tempos atuais, sobretudo no Brasil recusa a ideia de certos determinismos, atuando sempre em torno da multiplicidade diversa e com as contingências<sup>3</sup>. (Souza, 2014).

---

<sup>3</sup> Contingência é a possibilidade de algo vir ou não a se realizar.

### Considerações Finais

Concluo esse trabalho afirmando que a análise de discurso da Escola Francesa é um método completo, que permite fazer uma análise linguística que transcorre fronteiras e sai da zona da superficialidade. A Escola Francesa permite realizar uma verdadeira radiografia sobre a fala do sujeito, ao permitir identificar os aspectos ideológicos que compõe a história do interlocutor.

Michel Pêcheux foi assertivo ao interagir a sua teoria de forma interdisciplinar, juntamente com a sociologia, a linguística e a psicanálise. Mapear a história e o contexto social dos interlocutores também é altamente relevante, tornando uma teoria completa e dinâmica.

Diversas correntes de estudos discursivos emergiram por influência desta escola, principalmente a Escola Brasileira de Discurso, que tem como interlocutores Eni Puccineli e Orlandi.

Desta forma, a Escola Francesa é uma excelente opção metodológica para estudos sistematizados de discurso. Para mais, esta escola tem amparo na escola de Frankfurt, em um contexto marxista, propriamente dito.

### Referências

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. **Presença**, Lisboa, 1974.

BRANDÃO, Helena H. Naganime. Introdução a Análise do Discurso. **Educ**, Campinas, SP, 2004. Disponível em:  
[https://www.sergiofreire.pro.br/ad/BRANDAO\\_IAD.pdf](https://www.sergiofreire.pro.br/ad/BRANDAO_IAD.pdf).

EAGLETON, Terry. "Discurso e ideologia". In: EAGLETON, Terry. Ideologia. São Paulo: UNESP, **Boitempo**, 1997. Disponível em:  
<https://www.sergiofreire.pro.br/ad/Eagleton-DEI.PDF>

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. **Éditions Gallimard**, Paris, França, 1971.  
FREIRE, Sergio Souza. (2014). Análise de discurso: procedimentos metodológicos. **Instituto Census**: Educação e gestão do conhecimento, 2014.

LYSARDO-DIAS, Dylia. Notas sobre o fazer discursivo. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 41-49, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

MACHADO, I., Cruz, A., Dias, D. (1998). Teorias e práticas discursivas: Estudos em análise do discurso. **Núcleo de análise do discurso Fale**, UFMG, *Carol Borges*. BH, MG.

MACHADO, Ida Lucia. A 'narrativa de si' e a ironia: um estudo de caso à Luz da Análise do Discurso. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 01-16, ago./dez. 2013. (ISSN 2317- 1006 – online).

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. A ideologia alemã. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n.19. Campinas: Unicamp. 1990, p.7-24

KONDER, Leandro. A questão da ideologia. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2002.